

## **A VOLUPTUOSIDADE DA DOR DE ESTÊVÃO: O PESSIMISMO GALHOFEIRO EM A MÃO E A LUVA, DE MACHADO DE ASSIS**

Vitor Ceí<sup>1</sup>

*Universidade Federal de Rondônia*

**Resumo:** O artigo propõe uma análise do segundo romance de Machado de Assis, *A mão e a luva*, com base no novo conceito de “pessimismo galhofeiro”. O objetivo é argumentar que o narrador se apropria do pessimismo schopenhaueriano para fazer galhofa do suicídio romântico como tentativa de fugir da dor da vida. Reivindicamos que o romântico personagem Estêvão, ao sentir a “voluptuosidade da dor”, estabelece um horizonte próprio de discussão sobre o pessimismo oitocentista, com a pena da galhofa, numa simbiose entre o sério e o cômico. Assim, oferecemos uma contribuição para uma renovada compreensão das dimensões literária e filosófica de *A mão e a luva*.

**Palavras-chave:** Pessimismo, Galhofa, A mão e a luva.

### **Introdução**

No presente artigo pretendemos argumentar que o segundo romance de Machado de Assis, *A mão e a luva*, publicado em 1874, se apropria do pessimismo schopenhaueriano para fazer galhofa do suicídio romântico como tentativa de fugir da dor da vida. Embora o pessimismo na obra do jovem Machado apresente várias afinidades eletivas com o pessimismo de Arthur Schopenhauer, ele estrutura-se a partir de um estilo próprio e singular – que denominamos “pessimismo galhofeiro”.

O argumento central deste artigo sustenta-se em uma pesquisa da obra de Machado de Assis como um todo, bem como de suas relações intertextuais com as tradições do pessimismo (especialmente Pascal e Schopenhauer) e do niilismo (especialmente Turguêniev, Dostoiévski e Nietzsche). É indispensável notar que esse conúbio entre pessimismo e galhofa já aparece, de certo modo, no romance

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Literários pela UFMG. Professor do Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia e líder do grupo de pesquisa Ética, Estética e Filosofia da Literatura.

*Ressurreição*, reaparecendo nos grandes romances do autor, como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*<sup>2</sup>.

O estudo do pessimismo na obra de Machado de Assis tem um valor não apenas literário, mas também histórico e filosófico. Se o valor histórico da obra machadiana já foi apontado por críticos renomados como John Gledson (2003) e Sidney Chalhoub (2003), a interpretação “do pensamento filosófico subjacente à literatura machadiana”, essencial à compreensão de sua obra, parece ser uma linha de força na fortuna crítica, como observou Alex Lara Martins (2017, p. 11).

É importante ressaltar que Machado de Assis não foi apenas escritor, mas igualmente pensador – reconhecido pela Stanford University por sua importância para a filosofia na América Latina (SMITH; BUENO, 2016). É preciso abordar, pois, a literatura machadiana como ela mesma pensante, como repositório de novas noções conceituais.

## 1. Considerações sobre o pessimismo

A palavra “pessimismo”, da forma superlativa do adjetivo latino *malus* – *pessimum*, significa, etimologicamente, aquilo que há de pior, de mais detestável. Embora existam temáticas pessimistas na tradição religiosa e também ao longo da história da literatura e da filosofia, esse termo começou a ser empregado em meados do século XVIII, como antítese do otimismo, com a asserção de que esse mundo é o pior dos mundos possíveis (DE PAULA, 2013, p. 1-6).

O pessimismo recebeu estatuto propriamente filosófico a partir do pensamento de Arthur Schopenhauer. No sentido técnico, ele está restrito à recepção da obra schopenhaueriana entre as décadas de 1860 e 1880. Depois disso, o problema no estrito sentido técnico desapareceu. Entretanto, num sentido mais amplo, o pessimismo pode ser considerado um problema filosófico atemporal. E essa é a percepção de Schopenhauer, porque ele entende que o problema do pessimismo diz respeito à pergunta pelo valor da existência (DE PAULA, 2013, p. 5).

---

<sup>2</sup> Não podemos oferecer no curto espaço deste artigo uma análise de toda a obra de Machado, tampouco pretendemos generalizar esse tratamento do pessimismo exclusivamente a partir de uma leitura de *A Mão e a Luva*, embora o escopo deste artigo limite-se a esse romance. A fundamentação crítica e teórica deste artigo encontra-se em CEI, 2017 e CEI, 2016.

O pessimismo, enquanto conceito em voga no século XIX, pode ser considerado simplesmente um novo termo para uma ideia antiga, encapsulada de maneira assombrosa na terrível sabedoria do semideus Sileno, preceptor e companheiro de Dionísio:

– Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer o que seria mais salutar para ti não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer (SILENO, apud NIETZSCHE, 2003, p. 36).

Sileno, ciente dos horrores da existência humana, considera o mundo um caos, a vida um sofrimento e o homem finitude e efemeridade, de onde conclui que o melhor seria não ser ou então deixar de ser o quanto antes. Ele teria legado aos modernos autores pessimistas, como Schopenhauer, a perspectiva de que não há nenhum sentido para a existência humana, que se apresenta como um deplorável absurdo, esforço interminável e sem repouso, um terrível e constante sofrimento:

Sua existência propriamente dita se encontra apenas no presente, e seu escoar sem obstáculos no passado é uma transição contínua na morte, um sucumbir sem interrupção; visto que sua vida passada, tirante suas eventuais consequências para o presente, e tirante também o testemunho sobre sua vontade ali impresso, já terminou por inteiro, morreu e não mais existe. Eis por que, racionalmente, tem de lhe ser indiferente se o conteúdo daquele passado foram tormentos ou prazeres. O presente, entretanto, em suas mãos sempre se torna o passado; já o futuro é completamente incerto e sempre rápido. Nesse sentido, sua existência, mesmo se considerada do lado formal, é uma queda contínua do presente no passado morto, um morrer constante. Se vemos a isso também do ponto de vista físico, é então manifesto que, assim como o andar é de fato uma queda continuamente evitada, a vida de nosso corpo é apenas um morrer continuamente evitado, uma morte sempre adiada. Por fim, até mesmo a atividade lúcida de nosso espírito é um tédio constantemente postergado. Cada respiração nos defende da morte que constantemente nos aflige e contra a qual, desse modo, lutamos a cada segundo, bem como lutamos nos maiores espaços de tempo mediante a refeição, o sono, o aquecimento corpóreo etc. Por fim, a morte tem de vencer, pois a ela estamos destinados desde o nascimento e ela brinca apenas um instante com sua presa antes de devorá-la. Não obstante, prosseguimos nossa vida com grande interesse e muito cuidado, o mais longamente possível, semelhante a alguém que sopra tanto quanto possível até certo tamanho uma bolha de sabão, apesar de ter a certeza absoluta de que vai estourar (SCHOPENHAUER, 2005, p. 400-401).

Schopenhauer considera que toda forma de satisfação é o ponto de partida para um novo esforço, o qual, por sua vez, gera um novo sofrimento. Não haveria, pois, prazer duradouro, tampouco fim do padecimento: “Todo QUERER nasce de uma necessidade, de uma carência, logo, de um sofrimento. A satisfação põe um fim ao sofrimento; todavia, contra cada desejo satisfeito permanecem pelo menos dez que não o são” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 266).

Em “O que é o romantismo?”, aforismo 370 do quinto livro de *A Gaia Ciência*, Nietzsche avalia que o pensamento de Schopenhauer teria sido a forma mais expressiva do pessimismo romântico, definido como um movimento decadente, promovido por sofrendores contrários às tendências progressistas e construtivas do Esclarecimento:

[...] a tirânica vontade de um grave sofredor, de um lutador, um torturado, que gostaria de dar ao que tem de mais pessoal, singular e estreito, à autêntica idiossincrasia do seu sofrer, o cunho de obrigatória lei e coação, e como que se vingasse de todas as coisas, ao lhes imprimir, gravar, ferretear, a *sua* imagem, a imagem de *sua* tortura. (NIETZSCHE, 2001, p. 274).

Malgrado as diferenças ontológicas e estéticas entre Schopenhauer e Machado de Assis, historicamente, a obra do escritor brasileiro tem sido classificada como pessimista por uma parte importante da fortuna crítica. Alguns estudos decisivos da tradição crítica postularam que a lógica de composição e o estilo de Machado estão atrelados a uma visão de mundo negativa, schopenhaueriana ou pascaliana (ROMERO, 1897, MEYER, 2008, PEREIRA, 1988, COUTINHO, 1940, MAYA, 2007, DIAS, 2005). Como resumiu bem Benedito Nunes:

Pascaliano sem o consolo jansenista da Graça distribuída aos eleitos da Salvação, schopenhaueriano que substituiu pelo ódio à vida a moral da renúncia da vontade de viver, e cético radical, pirrônico, derivando para o niilismo – eis os traços fisionômico-doutrinários, carregados nas tintas do negativismo, com os quais a tradição crítica revestiu o perfil filosófico de Machado de Assis que fez chegar até nós (NUNES, 1993, p. 129).

Certamente existe uma tendência pessimista na obra de Machado. Reconhecê-lo importa para evitar a repetição pouco refletida de lugares-comuns. Porém, problematizando o pessimismo atribuído ao autor de *A mão e a luva*, algumas pesquisas, apoiadas em análises crítico-filosóficas, questionam os traços fisionômico-doutrinários

descritos por Nunes, ao mostrarem que eles devem ser confrontados à pena da galhofa presente no conjunto de livros do autor (CALDWELL, 1970, REGO, 1989, KRAUSE, 2007).

Concordamos que Machado apresentou o pessimismo como um dos motivos condutores de sua obra, isto é, como um traço fundamental de sua ficção, que se estende por todos os seus romances, e, nessa medida, sua descrição oferece uma contribuição para uma renovada compreensão das dimensões literária e filosófica da obra do escritor brasileiro.

Também concordamos com Helen Caldwell, quando ela afirma que a concepção machadiana de pessimismo diferiria daquela de seus contemporâneos. Um otimista, na opinião de Machado, seria um idiota; ao passo que o pessimista seria um idealista. “Certamente ele não tomou seu pessimismo tão a sério” (CALDWELL, 1970, p. 112).

Enylton Sá Rego, em seu estudo das relações entre a prosa madura de Machado e a sátira menipeia, observa que algumas questões levantadas desde o século XIX pela crítica literária brasileira com relação à obra de Machado reproduzem exatamente as questões sistematicamente colocadas pelos textos pertencentes à tradição da sátira menipeia:

De fato, ao apontar na obra de Machado sua grande dificuldade de classificação genérica, seu caráter fragmentário e antidiscursivo, suas citações truncadas e seu conteúdo parodístico, seu ponto de vista irônico e distanciado, e ao julgá-la como moralmente duvidosa, pessimista ou niilista, os críticos estavam de certa forma repetindo as observações feitas pela crítica tradicional aos textos de Varrão, Sêneca, Luciano, Erasmo, Burton e Sterne, eminentes escritores da tradição menipeia ou luciânica (REGO, 1989, p. 189).

Rego chama atenção para uma característica recorrente na obra machadiana, a de ser um texto híbrido, em que se misturam a seriedade e a comicidade, o pessimismo e a galhofa, resultando nas mesmas espécies de sátira e riso filosófico da tradição que visava sempre à denúncia e à crítica das mazelas sociais e dos vícios humanos. Nesse sentido, o pessimismo deve ser compreendido como uma visão de mundo concomitante com a perspectiva galhofeira, numa simbiose entre o sério e o cômico.

O oxímoro “voluptuosidade da dor” (ASSIS, 2008, p. 386) determina o ponto de partida de nossa interpretação, na medida em que cunha um horizonte próprio de

discussão. Nas linhas a seguir analisamos de que modo o pessimismo se torna um dos motivos condutores do romance *A mão e a luva*, aparecendo configurado sob a pena da galhofa.

## 2. Volúpia e dor no triângulo amoroso

O segundo romance de Machado – que na “Advertência” de 1874 o autor classifica como novela – foi dividido originalmente em vinte folhetins, publicados em *O Globo*, no Rio de Janeiro, entre 26 de setembro e 3 de novembro de 1874. Em dezembro daquele mesmo ano *A mão e a luva* apareceu publicado em livro<sup>3</sup>.

A personagem principal é a ambiciosa Guiomar, moça de origem humilde que depois da morte dos pais foi adotada pela madrinha, uma baronesa viúva. A trama gira em torno da escolha de um dos três candidatos a marido: o herdeiro Jorge, inexpressivo sobrinho da baronesa, a quem Guiomar deve a sua posição social; o advogado Luís Alves, “homem friamente ambicioso” (ASSIS, 2008, p. 374) que arrebatou o coração da moça; e o bacharel Estêvão, “um romântico fora de lugar, que nunca chega a compreender os propósitos da heroína” (ROCHA, 2013, p. 59).

*A mão e a luva* é um raro romance de Machado de Assis com final feliz para os protagonistas. No último capítulo, Luís Alves e Guiomar se amam sinceramente, com alegria – sentimento compartilhado pela baronesa, que verteu lágrimas sinceras durante a cerimônia do casamento. Contrastando com a felicidade dos personagens principais, temos a indiferença de Jorge e o sofrimento de Estêvão, ignorado pelo casal, pois, segundo o narrador: “A felicidade é isso mesmo; raro lhe sobra memória para as dores alheias” (ASSIS, 2008, p. 386). A seguir, avaliamos cada um dos personagens desse triângulo amoroso.

Guiomar, dotada de vontade de conservação, “grande tino e sagacidade naturais”, nasceu com “a ruga da reflexão no espírito” (ASSIS, 2008, p. 355). Por isso,

---

<sup>3</sup> Na advertência de 1907, Machado afirma: “Os trinta e tantos anos decorridos do aparecimento desta novela à reimpressão que ora se faz parece que explicam as diferenças de composição e de maneira do autor” (ASSIS, 2008, p. 317). Ainda que a diferenciação entre a 1ª e a 2ª fase seja um problema essencial da crítica machadiana, uma análise detida e pormenorizada dos critérios de classificação da obra do autor em fases extravasaria o escopo deste artigo. Diante do conjunto amplo de “teorias explicativas para a virada da primeira para a segunda fase” (GUIMARÃES, 2004, p. 34), parece-nos suficiente endossar a perspectiva segundo a qual não podemos falar de períodos estanques marcados por rupturas drásticas, por existir uma continuidade entre as obras publicadas antes e depois de 1880: “se há elementos inegavelmente comuns, seu tratamento impõe uma diferença inequívoca” (ROCHA, 2013, p. 18).

mostra-se tão astuta e calculista quanto as maliciosas protagonistas Virgília, Sofia e Capitu. Assim como as sucessoras, é capaz de medir suas ações cuidadosamente a fim de alcançar seus objetivos, pois “estavam nela combinados o sentimento e a razão, as tendências da alma e os cálculos da vida” (ASSIS, 2008, p. 351).

Outrossim, assemelhando-se às protagonistas dos outros romances da 1ª fase, a heroína de *A mão e a luva* adquire as suas qualidades pelo trato social, desde uma perspectiva instável, subalterna, dependente de uma família aristocrata. Autogovernando-se convincentemente, forma retratos morais com os quais o leitor pode simpatizar.

Segundo o narrador, desde a infância Guiomar desejava uma grandeza social: “Criança, iam-lhe os olhos com as sedas e as joias das mulheres que via na chácara contígua ao pobre quintal de sua mãe; moça, iam-lhe do mesmo modo com o espetáculo brilhante das grandezas sociais” (ASSIS, 2008, p. 365). Considerando os papéis sociais que homens e mulheres da época tinham que representar para poderem alcançar a ascensão social<sup>4</sup>, a protagonista almejava a união conjugal com um homem ambicioso, pois o sucesso do futuro marido também seria o seu no papel de esposa: “ela queria um homem, que ao pé de um coração juvenil e capaz de amar, sentisse dentro em si a força bastante para subi-la aonde a vissem todos os olhos” (ASSIS, 2008, p. 365-366).

A personalidade de Luís Alves, “homem frio, resoluto” (ASSIS, 2008, p. 363), combina com a de Guiomar e contrasta com a de seus concorrentes. “Essa presença de espírito de Luís Alves ia muito com o gênio de Guiomar; era um laço de simpatia” (ASSIS, 2008, p. 363). Ressalte-se seu bom ânimo e sua ambição durante toda a narrativa, ainda que no início ele não tivesse interesse por Guiomar, uma vez que “a preocupação de Luís Alves por aqueles dias era a candidatura eleitoral” (ASSIS, 2008, p. 358).

A primeira ambição deste personagem é a sua estabilidade social; a segunda é uma esposa que garanta esse *status*. No final, Luís Alves e Guiomar casam-se mais (mas

---

<sup>4</sup> O padrão patriarcal de organização da família, vigente entre as elites até o fim dos oitocentos, formava “uma intrincada, ampla e solidária rede de parentesco, integrando-se assim grandes grupos que constituíram um poderoso sistema de dominação socioeconômica (FRANCO, 1997, p. 35). A partir desse princípio de dominação hierárquica, os jovens sujeitavam-se aos mais velhos e todos obedeciam as convenções de conduta impostas pelo patriarca, conforme uma mistura de arbítrio e ponderações impessoais, de acordo com os interesses da família enquanto grupo.

não só) por ações calculadas do que por sentimento (que existe), na contramão do que se esperaria no desfecho de uma obra romântica.

Antes do aparecimento de Luís Alves, o candidato natural ao casamento seria Jorge, o sobrinho da baronesa, de família ilustre e endinheirada. Ele também tinha outros atributos: era bondoso, generoso e dedicado. Porém, era mimado, afetado e ocioso. Tudo o que poderia oferecer era uma confortável vida vegetativa:

O muito mimo empece a planta, disse o poeta, e essa máxima não é só aplicável à poesia, mas também ao homem. [...] O nome que lhe deixara o pai, e a influência da tia podiam servir-lhe nas mãos para fazer carreira em alguma coisa pública; ele, porém, preferia vegetar à toa, vivendo do pecúlio que dos pais herdara e das esperanças que tinha na afeição da baronesa. Não se lhe conhecia outra ocupação (ASSIS, 2008, p. 341).

Jorge, ao saber da decisão de Guiomar de se casar com Luís Alves, não se afligiui: “Efetivamente a fisionomia do moço não tinha abatimento nem aflição; não a amarrotava o menor vestígio de noite mal dormida, menos ainda de lágrimas enxutas” (ASSIS, 2008, p. 383). Praticamente um asceta, Jorge evita contaminar-se emocionalmente com o fracasso da relação afetiva que teve com Guiomar, controla suas paixões e resiste aos tumultos, valores e desejos inerentes ao mundo: “tão leve foi o golpe em Jorge e tão indiferente andava ele, que a boa senhora compreendeu que o amor, se existira, não era grande, e sobretudo não perdurou” (ASSIS, 2008, p. 386). Essa mortificação da vontade é o índice de uma experiência de ascetismo que já havia sido esboçada no primeiro romance, com Félix (CEI, 2017), e que será reelaborada com mais complexidade no perfil do Conselheiro Aires (CEI, 2016, p. 322-340).

Outro candidato a marido é Estêvão, encarnação caricata do amor romântico e representante da terrível nostalgia romântica por redenção na morte, que expressa uma paixão exagerada, sofre com o desdém da mulher amada e termina sozinho, sem vontade de continuar a vida, mas tampouco com coragem de se suicidar. Ele sofre por acreditar num amor idealizado, em oposição a Luís Alves e Guiomar, que se casam não apenas por amor, mas também por ambição: “Aqueles não tinham nada do amor extático e romanesco de Estêvão, mas amavam sinceramente, ela ainda mais do que ele, e tão feliz um como outro” (ASSIS, 2008, p. 384).

Por um lado, o infeliz desenlace do personagem estabelece relação intertextual com Schopenhauer (2005, p. 364-365), para quem o suicida, oprimido pelo peso da vida, “ainda assim a deseja e afirma, porém sem aceitar os tormentos dela, em especial sem poder suportar por muito tempo a dura sorte que lhe coube, não pode esperar da morte a libertação, nem pode salvar a si mesmo pelo suicídio”. Por outro, ironiza, sem dúvida, a inquietação romântica, cujo marco inaugural foi *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, que, “lido por jovens impetuosos e atormentados, muitas vezes não correspondidos amorosamente (como o personagem principal do romance), desencadeou uma onda de suicídios na Europa” (BARBOZA, 2005, p. 268).

A desilusão amorosa de Estêvão se configura como herança e problematização do idealismo romântico dos filósofos e escritores europeus. A tensão entre vida e morte, constitutiva do Romantismo, seria um componente fundamental da obra machadiana, visível em sua implacável desmistificação do sentimentalismo romântico e na constatação de uma miséria universal, que o amor, longe de redimir, agrava (PAZ, 2009, p. 169). Nesse sentido, desde o início do capítulo primeiro o narrador faz galhofa com o suicídio romântico, que afirma o desejo de viver livremente – de algum modo impedido – negando a vida:

- Mas o que pretendes fazer agora?
  - Morrer.
  - Morrer? Que ideia! Deixa-te disso, Estêvão. Não se morre por tão pouco...
  - Morre-se. Quem não padece estas dores não as pode avaliar. O golpe foi profundo, e o meu coração é pusilânime; por mais aborrecível que pareça a ideia da morte, pior, muito pior do que ela, é a de viver. Ah! tu não sabes o que isso é?
  - Sei: um namoro gorado...
  - Luís!
  - ...E se em cada caso de namoro gorado morresse um homem, tinha já diminuído muito o gênero humano, e Malthus perderia o latim. Anda, sobe.
- Estêvão meteu a mão nos cabelos com um gesto de angústia; Luís Alves sacudiu a cabeça e sorriu. Achavam-se os dois no corredor da casa de Luís Alves, à Rua da Constituição – que então se chamava dos Ciganos – então, isto é, em 1853, uma bagatela de vinte anos que lá vão, levando talvez consigo as ilusões do leitor, e deixando-lhe em troca (usurários!) uma triste, crua e desconsolada experiência (ASSIS, 2008, p. 318).

Notamos o desejo de suicídio como resultado de uma frustração do idealismo romântico, que gera os sentimentos de dor e nostalgia, bem como a sensação de seguir a vida em eterno sofrimento, na impossibilidade de alcançar a felicidade. Nesse caso, o suicídio não seria um argumento metafísico contra a existência, mas sim uma solução factual contra a dor, em nome do ideal de que morrer seria melhor do que os sofrimentos da vida. E essa dor de Estêvão, “espécie de tosse moral, que aplacava e reaparecia” (ASSIS, 2008, p. 321), intensificava-se nos dias em que Guiomar era o primeiro e o último pensamento, levando-o novamente à ideia da autodestruição da vontade através do suicídio:

A ideia de suicídio fincou-se-lhe mais adentro no espírito, certa tarde em que ele saiu a espairecer, e viu um enterro que passava, caminho do Caju. O préstito era triste – ainda mais triste pela indiferença que se lia no rosto dos que iam piedosamente acompanhando o morto. Estêvão descobriu-se e sinceramente desejou ir ali dentro, metido naquelas estreitas tábuas de pinho, com todas as suas dores, paixões e esperanças.

“Não tenho outro recurso”, – pensou ele; “é necessário que morra. É uma dor só, e é a liberdade” [...] Os cinco dias correram-lhe assim, travados de enojo, de desespero, de lágrimas, de reflexões amargas, de suspiros inúteis (ASSIS, 2008, p. 356-357).

Não obstante, Estêvão não consegue levar até o fim seus planos de morrer por amor, pois segundo afirma galhofeiramente o narrador, ele tem o coração frouxo ou “porque a ideia da morte não se lhe houvesse entranhado deveras no cérebro” (ASSIS, 2008, p. 318).

Ao recusar o suicídio, Estêvão aceita que “em essência, incluindo-se também o mundo animal que padece, TODA VIDA É SOFRIMENTO” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 400). É justamente porque aceita a dor de viver que desiste do suicídio como solução definitiva contra a dor. Não obstante, o que faz o personagem querer viver, diria o mais pessimista dos filósofos, não é tanto o amor à vida, mas sim o medo da morte:

A vida mesma é um mar cheio de escolhos e arrecifes, evitados pelo homem com grande precaução e cuidado, embora saiba que, por mais que seu empenho e arte o leve a se desviar com sucesso deles, ainda assim, a cada avanço, aproxima-se do total, inevitável, irremediável naufrágio, sim, até mesmo navega direto para ele, ou seja, para a MORTE. Esta é o destino final da custosa viagem e, para ele, pior que todos os escolhos que evitou (SCHOPENHAUER, 2005, p. 403).

Como solução temporária para o problema do sofrimento, Estêvão adota elementos essenciais da antropologia de Pascal<sup>5</sup>. No capítulo XI, oscilando entre o desejo de morrer e o de fugir da cidade, o personagem optou pela completa solidão:

Durante uma inteira e comprida semana, deixou Estêvão de aparecer no escritório onde trabalhava com Luís Alves; não apareceu também em Botafogo. Ninguém o viu em todo esse tempo nos lugares onde ele era mais ou menos assíduo. Foram seis dias, não digo de reclusão absoluta, mas de completa solidão, porque ainda nas poucas vezes que saiu, fê-lo sempre a horas ou em direções que a ninguém via, e de ninguém era visto (ASSIS, 2008, p. 356).

O isolamento é a fórmula pessimista do filósofo francês para a felicidade, pois só conseguiríamos sentir intensamente a miséria advinda da corrupção da nossa natureza quando nos isolamos do mundo. A partir dessa consciência poderíamos esperar da misericórdia divina – gratuita, porque de forma alguma a merecemos – a salvação da alma (possível pela graça redentora). Se tivesse prazer em ficar em casa, longe dos divertimentos e tumultos, o homem seria feliz: “toda a infelicidade dos homens provém de uma só coisa: de não saber ficar quieto num quarto” (PASCAL, 2005, p. 50).

Afastar-se de tudo e de todos é um método de viver na negação; negação dos prazeres da vida, longe dos valores morais da sociedade. E é exatamente o que Estêvão faz ao perceber que tinha acabado a única ilusão de sua vida, a que ele tinha alimentado com todo o fervor romântico, exacerbado e contínuo. No entanto, ao invés de se isolar completamente, a ideia do suicídio – e a incapacidade de concretizá-lo – reaparece no último capítulo, em que “a voluptuosidade da dor” se manifesta em Estêvão quando ele observa, choroso, de longe, a festa do casamento, onde reinavam o gozo e a vida. Então ele teve um desejo que pode ser entendido como um método de manter a lembrança fixa daquilo que ele perdeu de mais prezado, para nunca mais esquecer:

A alma de Estêvão sentiu uma necessidade cruel e singular, o gosto de revolver o ferro na ferida, uma coisa que chamaremos – *voluptuosidade da dor*, em falta de melhor denominação. E foi para ali, contemplar com os indiferentes e ociosos aquela casa onde reinava o gozo e a vida, e naquela hora que lhe afundava o passado e o futuro

---

<sup>5</sup> Sobre a influência de Pascal em Machado, e as relações intertextuais entre suas obras, ver MAIA NETO, 2007, CEI, 2016, p. 93-102, MARTINS, 2017.

de que vivera. Não o retinha a constância do estóico; pela face emagrecida e pálida lhe corriam as lágrimas derradeiras, e o coração, colhendo as forças que lhe restavam, batia-lhe forte na arca do peito (ASSIS, 2008, p. 386, grifo nosso).

A voluptuosidade da dor de Estêvão se assemelha ao “prazer das dores velhas” de Bento Santiago e à “volúpia do aborrecimento” de Brás Cubas<sup>6</sup>. Os três personagens têm ideias fixas dolorosas, espécies de vermes roedores internos que eles precisam externar, já que não conseguem esquecer. Ao mesmo tempo, ela propicia a satisfação de fazer sofrer o outro, sejam Capitu e Escobar ou Guiomar e Luís Alves:

Defronte dele refulgia de todas as suas luzes a mansão afortunada; detrás batia a onda lenta e melancólica, e via-se o fundo da enseada, escuro e triste. Esta disposição do lugar servia ao plano que ele concebera, e era nada menos do que matar-se ali mesmo, quando já não pudesse sofrer a dor, espécie de vingança última que queria tomar dos que o faziam padecer tanto, complicando-lhes a felicidade com um remorso.

Mas esse plano não podia realizar-se, pela razão de que era mais um devaneio, que se lhe dissipou como os outros. A frouxidão do ânimo negou-lhe essa última ambição. Os olhos podiam fitar a morte, como podiam encarar a fortuna; mas faltavam-lhe os meios de caminhar a ela. Esteve ali, pois, até o fim; e em vez de mergulhar na água e no nada, como delinear, regressou tristemente para casa, trôpego como um ébrio, deixando ali a sua mocidade toda, porque a que levava era uma coisa descolorida e seca, estéril e morta. (ASSIS, 2008, p. 386-387).

Revelam-se, assim, por um lado, a pena da galhofa do narrador, que faz galhofa da desgraça de Estêvão (comparando-o a um bêbado cambaleante), e, por outro, o seu pessimismo. Misturam-se humor e dor, o espírito sério e o cômico, de tal modo que a ideia de suicídio de Estêvão não é inimiga do riso, ao contrário, o riso e o pessimismo caminham juntos, entretêm-se mutuamente.

Contrariando a provável expectativa de seus leitores – ainda românticos – o narrador apresenta as convicções romanescas de Estêvão como sinônimo de afetação e frivolidade. Por conseguinte, a narrativa consegue ridicularizar o amor romanesco e fazer de Estêvão, pobre e solitário sofredor do amor não correspondido de Guiomar, alvo da pena da galhofa. Desse modo, pode “corrigir, pelo riso, as ideias que o leitor

---

<sup>6</sup> Sobre a mnemotécnica da dor que fundamenta a “voluptuosidade da dor” de Brás Cubas e o “prazer das dores velhas” de Bento Santiago, ver CEI, 2017.

eventualmente compartilhe com o personagem, caracterizado por Machado como quintessência do romantismo” (GUIMARÃES, 2004, p. 143).

E uma vez que ridiculariza o amor excessivamente sentimental, ironiza também o desmedido pessimismo do personagem. Segundo Roberto Schwarz, o amor romântico, indiferente às vantagens materiais, aparece para ser posto de lado:

E observe-se, por fim, que desde a primeira página o sentimento romântico de Estêvão é cômico, apresentado que está como byronismo descabelado e estrangeiro, e sobretudo como superficialidade, em contraste com a inteligência do real, muito valorizada em Guiomar e Luís Alves (SCHWARZ, 2000, p. 99).

Podemos concluir que o jovem autor de *A mão e a luva* ficcionaliza o suicídio romântico com a pena da galhofa, compondo o que chamamos de “pessimismo galhofeiro”. Machado de Assis mostra que o pessimismo é compatível com uma atitude mais equilibrada que inclui o senso de humor, envolvendo uma capacidade de criar e adotar novas e inesperadas perspectivas a partir do qual as dolorosas, frustrantes e ameaçadoras incongruências da vida podem ser reveladas como potenciais objetos de alegria, extraindo volúpia da dor.

Concluimos que o pessimismo galhofeiro de *A mão e a luva*, apropriação irreverente do pessimismo schopenhaueriano (que também pode ser considerado cômico), se revela como um deboche sério do idealismo romântico. O escritor brasileiro se utilizava dos seus personagens para tratar dos valores sociais da época tornando a pena da galhofa uma ferramenta para questionar esses valores.

### **Considerações finais**

Este artigo propôs uma leitura literária e filosófica do segundo romance de Machado de Assis, sugerindo que o texto literário torna-se palco privilegiado do pensamento filosófico. Considerando que o autor foi um leitor voraz e malicioso do aparato conceitual da filosofia europeia, não se pode ignorar que sua ficção gera uma pertinência semântica original, que oferece nova luz aos conceitos filosóficos tradicionais.

Concluimos que a noção conceitual “voluptuosidade da dor” provoca uma inovação ou redescritção do pessimismo filosófico através da configuração de novos

campos de significação. Frente à referência habitual do pessimismo, seja de Pascal ou Schopenhauer, o Estêvão de *A mão e a luva* realça o suicídio romântico e o fenômeno do pessimismo em chave cômica.

Aproximar-se da experiência do pessimismo com uma atitude bem-humorada pode não eliminar a dor daquele que sofre, no entanto, pode ensiná-lo a sentir volúpia com as dores do mundo. Esse talvez seja o principal serviço que a pena da galhofa pode desempenhar em confronto com o pessimismo.

#### ESTÊVÃO'S VOLUPTUOSITY OF PAIN: A MOCKING PESSIMISM IN MACHADO DE ASSIS' *THE HAND AND THE GLOVE*

**Abstract:** The paper proposes an analysis of Machado de Assis's *The Hand and the Glove* on the basis of the new concept of "mocking pessimism". The aim is to argue that the narrator appropriates Schopenhauer's pessimism to mock the romantic suicide as an attempt to escape from the pain of life. We claim that the romantic character Estêvão, when suffering with the "voluptuousness of pain", establishes a new horizon of discussion about the nineteenth century pessimism. As a result, we offer a contribution to a renewed understanding of the literary and philosophical dimensions of *The Hand and the Glove*.

**Keywords:** Pessimism, Mockery, The Hand and the Glove.

#### Referências

ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa, em quatro volumes: volume 1*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 315-387.

BARBOZA, Jair. Notas do tradutor. In: SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação I*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. A Grécia de Machado de Assis. *Kléos*, Rio de Janeiro, v. 5/6, n.5/6, p. 125-144, 2001/2.

CALDWELL, Helen. *Machado de Assis: the Brazilian master and his novels*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1970.

CEI, Vitor. As dúvidas póstumas de Félix: ciúme, ressentimento e ascetismo em *Ressurreição*, de Machado de Assis. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 159-175, 2017.

CEI, Vitor. A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis.

CEI, Vitor. *A voluptuosidade do nada: niilismo e galhofa em Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2016.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1940.

DE PAULA, Wander Andrade. *Nietzsche e a transfiguração do pessimismo schopenhaueriano: a concepção de filosofia trágica*. 2013. 329 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

DIAS, Rosa Maria. “O autor de si mesmo”: Machado de Assis leitor de Schopenhauer. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, p. 382-392, dez. 2005.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: UNESP, 1997.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Trad. Sônia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nakin Editorial, EDUSP, 2004.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. O bruxo contra o comunista ou: o incômodo ceticismo de Machado de Assis. *Kriterion*, v. 48, Belo Horizonte, n. 115, p. 235-247, 2007.

MAIA NETO, José Raimundo. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2007.

MARTINS, Alex Lara. *Machado de Assis: o filósofo brasileiro*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

MAYA, Alcides. *Machado de Assis: algumas notas sobre o humour*. Porto Alegre: Movimento; Santa Maria: UFSM, 2007.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis, 1935-1958*. Rio de Janeiro: José Olympio; ABL, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- NUNES, Benedito. *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1993.
- PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PAZ, Ravel Giordano. *Serenidade e fúria: o sublime assismachadiano*. São Paulo: Nankin; EDUSP, 2009.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.
- REALE, Miguel. A filosofia na obra de Machado de Assis. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 11, n. 44, p. 7-33, 2005.
- REGO, Enylton de Sá. *O calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- ROMERO, Sylvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de litteratura brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmert & Co., 1897. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4476>>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação I*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- SMITH, Plínio Junqueira; BUENO, Otávio. Skepticism in Latin America. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford, 2016. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/skepticism-latin-america/>>. Acesso em: 8 abr. 2018.